

O IMPACTO DO USO (EXCESSIVO) DA INTERNET NO COMPORTAMENTO SOCIAL DAS PESSOAS

Como referenciar este artigo:

GRAEML, K. S.; VOLPI, J. H. e GRAEML, A. R. "O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas ". Revista Psicologia Corporal (José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi, Orgs.). Vol. 5, 2004.

O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas

Impacts of excessive use of the Internet on human social behavior

Karin Sylvia Graeml
José Henrique Volpi
Alexandre Reis Graeml

Resumo:

Este artigo faz uma análise dos impactos que o uso excessivo da Internet pode trazer para o comportamento social das pessoas. Baseados em estudos realizados nos EUA, os autores traçam o perfil do internauta dependente, as possíveis causas desta dependência e seus efeitos adversos. Também são ressaltadas as características dos não dependentes e os benefícios que a Internet pode trazer para as pessoas que a utilizam comedidamente.

Abstract:

This paper analyzes the impacts of the excessive use of the Internet on people's social behavior. Based on studies that were carried out in the USA, the authors draw the profile of the addicted Internet user, possible causes of such dependency and its adverse effects. The benefits of a healthy use of the Internet, when there is no addiction, are also discussed.

Key-words: Internet, comportamento e dependência.

Introdução

A comodidade, facilidade e conveniência de trabalhar, obter produtos e conversar com amigos de longa data e com desconhecidos pela web, sem precisar sair de casa, estão trazendo cada vez mais adeptos para a Internet.

Com esta nova tecnologia é possível comprar produtos de qualquer lugar do mundo, buscar informações sobre qualquer assunto nas mais diferentes bases de dados ou bibliotecas e também conversar com outras pessoas através dos *chats*¹ (sala de bate papos), a qualquer hora do dia ou da noite. Estamos na chamada era da Cibercultura que, para Lévy (1999), “é o conjunto de técnicas, de práticas, atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Todos esses atrativos estão levando as pessoas a passar mais tempo na frente do computador. Isto acontece inclusive com as crianças, que buscam na Internet diversão e informação. Esta nova maneira de viver exige reflexão e discussão quanto à socialização das pessoas.

Muitos autores criticam o uso excessivo do computador, alegando que este comportamento pode causar isolamento social. Segundo Nie e Lutz (2000), a Internet está gerando uma onda de isolamento social nos Estados Unidos e alimentando o fantasma de um mundo sem contato humano ou emoções. "Quanto mais tempo as pessoas passam na Internet, menos tempo gastam com seres humanos de carne e osso", lembram esses autores. Seus estudos indicam que 55% dos americanos já estão conectados à rede e 43% dos lares do país possuem computadores ligados à Internet. Isso demonstra que navegar pelo espaço cibernético deixou de ser uma atividade ligada ao trabalho e está se tornando um hábito doméstico. Assim, ocupa o tempo antes destinado a outras formas de lazer e ao convívio social. Considerando estes aspectos, observa-se que a

¹ *chat* é o termo popular utilizado para Comunicação Mediada por Computador (CMC) que é um modo de comunicação síncrono via Internet, ou seja, em que ambos os interlocutores estão conectados ao mesmo tempo e interagem “em tempo real”.

Internet está trazendo, junto com ela, mudanças significativas no comportamento social e individual das pessoas.

Internet e o comportamento social

Apesar de inúmeras pesquisas revelarem o contínuo aumento do número de pessoas conectadas à Internet e de indicarem que muitas delas estão passando cada vez mais tempo nesta atividade, somente alguns pesquisadores da área da psicologia iniciaram pesquisas mais profundas destinadas a tentar entender as mudanças que esta nova tecnologia está causando na vida das pessoas, com ênfase na alteração de hábitos e padrões comportamentais e nos problemas decorrentes.

Nos Estados Unidos, pesquisas na área da psicologia comportamental tiveram início em meados da década de 90. De acordo com Razzouk (1998), o primeiro a usar o termo dependência de Internet foi Goldberg, em 1995, que a classificou como uma categoria diagnóstica caracterizada por compulsivo e patológico uso da Internet, propondo, como categoria diagnóstica, o Transtorno do uso patológico de computador para aqueles em que a utilização excessiva do computador causa prejuízo em seu funcionamento físico, psicológico, interpessoal, conjugal, econômico e/ou social.

Young (1996) iniciou seu trabalho tomando como base algumas pesquisas que tinham sido divulgadas mostrando que alguns usuários estavam se tornando viciados na Internet, estabelecendo uma dependência similar à acarretada por outros vícios, como drogas, álcool ou jogos, com impacto no nível de desempenho escolar e profissional. A idéia de Young era fazer um estudo exploratório para investigar se o usuário excessivo de Internet podia ser considerado viciado e identificar a extensão do problema criado pela nova tecnologia².

Neste estudo, Young conseguiu identificar dois tipos de usuário: os dependentes de Internet e os não dependentes de Internet. Os dependentes apontaram as seguintes características: uso inicial recente (de 6 meses a 1 ano), com média de 38,5 horas *on-line* por semana para uso de natureza não profissional. Os dependentes, segundo a autora, relataram aumento gradual do uso da Internet. Já os não dependentes, utilizavam a Internet a mais de um ano, com média de 5 horas por semana e não apresentaram aumento significativo. Para Ballone (2003), a Internet é uma ferramenta à que se atribuem inúmeras vantagens para a educação, para o comércio, para o entretenimento e para o desenvolvimento do indivíduo. A própria participação, consciente e moderada, em *chats* pode permitir a interação social com outras pessoas, com o conhecimento, com a sociedade de consumo e com culturas diferentes.

Porém, o critério quantidade de horas vem sendo motivo de discussão nas pesquisas realizadas por outros autores como Brenner (1996); Egger (1996) e Thompson (1996).

Segundo Razzouk (1998), que se baseou no trabalho de Young (1996), um dado significativo para a análise é o impacto do uso da Internet sobre a vida do indivíduo. Assim, deve-se avaliar o grau de prejuízo social, financeiro e profissional desencadeados pelo uso patológico da Internet. No trabalho de Young, os indivíduos considerados dependentes apresentaram preferência pelos *chats*. Os não dependentes, por sua vez, usam mais os serviços que lhes permitem receber informações e manter relações pré-existentes, através da comunicação eletrônica, na maioria das vezes através do uso do e-mail.

Ainda segundo esse estudo, apesar das possíveis conseqüências negativas, muitos dos considerados dependentes, não demonstravam o desejo de diminuir o uso da Internet, pois já se consideravam "completamente dependentes" da Internet e não viam a possibilidade de "deixar" de usá-la.

As possíveis causas

Com base nas informações obtidas no seu primeiro estudo, Young realizou uma segunda pesquisa, direcionada aos usuários de Internet considerados dependentes, na tentativa de identificar as causas dessa dependência da Internet e, principalmente, dos *chats* (YOUNG, 1997).

2 Realizou um estudo para caracterizar o uso patológico de Internet utilizando os critérios diagnósticos para jogo patológico do DSM IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders). Esta nova patologia foi chamada de *Internet addiction* ou *Pathological Internet Use* (PIU), como se fosse um transtorno patológico do impulso (Nicolaci-Costa, 2002).

Quando perguntados sobre a razão que os levava a utilizar os *chats*, 86% falaram do anonimato, 63% mencionaram a acessibilidade, 58% a segurança e 37% o uso fácil dessa ferramenta. A análise do conteúdo dos diálogos mantidos pelos usuários nos *chats* demonstrou consistência com esses dados, havendo três áreas principais de reforço e estímulo à utilização da ferramenta: suporte social, realização sexual ou criação de *persona*.

- Suporte social: forma-se um grupo social próprio, com regras próprias, deixando o mundo físico e formando uma reunião de pessoas vivendo numa sociedade baseada no texto. A formação destes grupos pode dar suporte social a pessoas que, na vida real, estão interpessoalmente empobrecidas. Em algumas circunstâncias de vida onde o contato social está limitado (donas de casa, deficientes físicos e outros). Nestes casos, é mais provável que os indivíduos utilizem a Internet como uma alternativa para desenvolver contatos sociais. Porém, indivíduos com um histórico psiquiátrico podem estar mais confiantes em participar de *chats* para satisfazer suas necessidades de suporte social, devido às dificuldades que apresentam para estabelecer contatos na vida real, quando comparadas à facilidade proporcionada pelo ambiente de um *chat*.
- Realização sexual: através da Internet, as fantasias sexuais das pessoas podem ser exercitadas bem mais facilmente. Ao navegar pela web, pode-se encontrar salas de *chats* que são criadas para encorajar os usuários a se engajarem explicitamente num *chat* erótico. Estas salas são segmentadas, para poderem agradar a todos, com os mais diversos títulos: "MarriedM4Affair", "The Gay Parade" "Family Time", "SubM4F", "Swingers" e muitos outros. A opção por usar *chats* para exercitar fantasias sexuais foi identificada por Young como um método seguro, que satisfaz os desejos sexuais, evitando a contração de doenças sexualmente transmissíveis, como AIDS e tantas outras. Young também percebeu que os usuários se sentiam mais livres para manifestar seus impulsos sexuais, atuando de maneira diferente da adotada em suas vidas reais, sem o medo de possíveis repercussões. Para os dependentes que não se sentem atraentes, ou dispõem de poucas oportunidades de encontros sexuais, percebeu-se que era mais fácil "conquistar" alguém através da Internet, do que na vida real. Young (1996) relata o exemplo de um dependente estudado, que explicou: "tenho 49 anos, sou careca e estou acima do meu peso, mas no *cyberspace* digo às senhoras que tenho 23 anos, que sou loiro, tenho olhos azuis e sou musculoso. Faço isso, porque sei que, se falar a verdade, ninguém vai querer fazer sexo com um velho, gordo e careca". Na Internet as pessoas não precisam se expor visualmente, o que facilita ainda mais a abertura das emoções. Ao contrário dos encontros pessoais, em que a espontaneidade conta muito, nas mensagens através da Internet as pessoas podem repensar suas palavras, utilizar citações de poesias ou elaborar melhor os textos para que possam atingir melhor o objetivo desejado. Uma máscara, inevitavelmente, se forma. Mas, ao contrário da vida real, em que a aparência física é o principal chamariz e só depois se vai ver o que há além dela, nas relações virtuais, primeiro se tem contato com o intelectual, depois com o emocional e afetivo e só mais tarde, e somente em algumas situações, com o físico. No ciberespaço todos os habitantes virtuais são criados iguais.
- Criação de *Persona*: um *chat* cria um "estado" virtual onde uma pessoa pode agir em um novo papel através da criação de apelidos, que podem alterar características físicas como gênero, idade, raça etc. A partir daí, pode-se conversar e exercitar fantasias sexuais com quem quiser e da maneira que se quiser. Neste sentido, os *chats* podem ser considerados território livre, onde diferentes concepções de sujeito transitam e interagem conforme o desejo de cada um. Para Young (1997) a criação de uma *persona* on-line permite aos usuários uma saída segura para satisfazer necessidades psicológicas inadequadas. Contudo, a possibilidade de absorção mental deste novo personagem pode ter um papel negativo no funcionamento da vida real, interpessoal e familiar do indivíduo. Quem está habituado à linguagem da Psicologia Corporal sabe que esse tipo de comportamento é típico do traço de caráter chamado núcleo psicótico (NAVARRO, 1995). Segundo Razzouk (1998), o *chat* é utilizado por pessoas que buscam se relacionar sem a exposição física. O encontro é virtual, uma característica do que Lowen (1987) denomina de caráter esqui-

zóide. O anonimato é uma de suas características principais, juntamente com a quebra das barreiras geográficas. A possibilidade de se relacionar com outras pessoas sem encontro físico (traço esquizóide) e de criar um apelido (traço de caráter núcleo psicótico) permitem que a pessoa se transforme, mentalmente, numa nova pessoa *on-line*.

Castells (1999) também analisa o impacto que estas mudanças de comportamento trazem para a nossa cultura, como o fato de a pessoa se sentir mais a vontade mandando um e-mail anônimo do que conversando pessoalmente com uma pessoa. As pessoas que possuem tendência de sofrer de baixa auto-estima se sentem inadequadas em várias situações e percebem dos outros constante desaprovação. Nessas situações, existe um estímulo adicional para se desenvolver uma identidade *on-line* secreta e distinta da que se possui no mundo real. Para Lévy (1999), os *chats* dão margem a uma relação de desvinculação com a verdade, ou mesmo de alienação social e cultural. Segundo a Psicologia Corporal, podemos perceber que as pessoas estão deixando de lado seus traços de caráter oral, que lhes permitiam manter o contato com colegas, familiares e se relacionar socialmente (LOWEN, 1987), para estarem cada vez mais esquizóides ou núcleo psicóticas (NAVARRO, 1995), buscando o afastamento social, dando margem à fantasia e preconizando a razão no lugar do afeto, o virtual, no lugar do real, o computador, no lugar da presença física.

Conclusão

Assim como uma droga é melhor absorvida quando injetada diretamente na corrente sanguínea, o potencial da Internet para o abuso vai crescer com a velocidade da conexão e com a maior facilidade de acesso à Internet. O vício vai, no final das contas, ser quebrado em várias categorias, como sexo e relacionamentos, consumismo, jogo e navegação compulsiva, descortinando uma vasta área para estudos do comportamento humano, por parte de psicólogos e outros estudiosos das formas de relacionamento humano (GREENFIELD, 2000)

Mas, para que o leitor não fique, após esta reflexão, com a falsa impressão de que os efeitos da Internet sobre as pessoas são todos potencialmente nocivos, cabe ressaltar que este texto se concentrou sobre o uso *excessivo* da nova tecnologia. Tanto o *chat*, como outras ferramentas de comunicação disponibilizadas pela Internet, podem representar uma forma de inclusão social para aqueles que, antes do seu advento, tinham possibilidades de inclusão social muito restritas. Isto sem falar da possibilidade de pessoas ajustadas e equilibradas experimentarem formas alternativas de comunicação, interação social e, por que não (?), de exercitarem suas fantasias.

Referências Bibliográficas:

- BALLONE, G. Compulsão à Internet, Mito ou Realidade: PsiqWeb, 2003. Disponível em: <http://gballone.sites.uol.com.br/temas/inernet.html>. Acesso em: 13/04/2004.
- BRENNER, V. An initial report on the on-line assessment of Internet addiction: The first 30 days of the Internet usage survey, 1996. Disponível em: <http://www.ccsnet.com/prep/pap/pap8b/638b012p.txt>. Acesso em: 15/2/2003.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Ed. Paz e Terra, v.1. 1999.
- EGGER, O. Internet and addiction, 1996. Disponível em: <http://www.ifap.bepr.ethz.ch/~egger/ibq/iddres.htm>. Acesso em: 15/2/2003.
- GREENFIELD, D. The Net Effect: Internet Addiction and Compulsive Internet Use, 2000. Disponível em: http://www.virtual-addiction.com/a_neteffect.htm. Acesso em: 13/04/2004.
- LEVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34. 1999.
- LOWEN, A. O corpo em terapia. São Paulo: Summus. 1987.
- NAVARRO, F. Caracterologia pós-reichiana. São Paulo: Summus. 1995.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? Estudos de Psicologia: 25-36 p. 2002.
- NIE, N. H. e LUTZ, E. Internet and Society: A Preliminary Report.: Stanford Institute for the Quantitative Study of Society, 2000. Disponível em:

http://www.stanford.edu/group/siqss/Press_Release/Preliminary_Report.pdf. Acesso em: 15/01/2004.

RAZZOUK, D. Dependência de Internet: uma nova categoria diagnóstica?: Psychiatry On-line Brazil, 1998. Disponível em: <http://www.priory.com/psych/dpnet.htm>. Acesso em: 13/04/2004.

THOMPSON, S. Internet Addiction, 1996. Disponível em:

<http://cac.psu.edu/~sjt112/mcnair/journal.html>. Acesso em: 15/2/2003.

YOUNG, K. S. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. In: 104th annual meeting of the American Psychological Association, 1996, Toronto, Canadá. *Anais*. Toronto, Canadá: CyberPsychology and Behavior, 1996. p.237-244 p.

_____. What Makes the Internet Addictive: Potential Explanations for Pathological Internet Use. In: 105th annual conference of the American Psychological Association, 1997, Chicago, USA. *Anais*. Chicago, USA, 1997. p.